

A palavra que resiste: escrevivências de mulheres na produção científica

Rauane Silva Guedes¹

166

Resumo

Este trabalho apresenta um relato de experiência que analisa a escrita acadêmica como um instrumento de potencialização das trajetórias femininas nos espaços acadêmicos. A partir do diálogo com referenciais teóricos da área, o texto reflete sobre as implicações da escrita de mulheres pesquisadoras, por meio da experiência da autora em seu processo de escrita da dissertação de mestrado na Universidade do Estado de Minas Gerais. Discute-se, ainda, o conceito de *escrevivências* como categoria que tensiona e ressignifica as produções acadêmicas de mulheres, evidenciando a escrita como prática de resistência, autoria e afirmação de identidades femininas no campo científico.

Palavras-chave

escrevivência; escrita feminina; produção acadêmica.

Recebido em: 05/12/2025

Aprovado em: 21/12/2025

¹ Professora no curso de Pedagogia no Centro Universitário Estácio de Belo Horizonte. É Especialista em Educação em Escola Estadual de Minas Gerais. Pesquisa e estuda as questões de gênero e educação. Possui mestrado em educação pela Universidade do Estado de Minas Gerais. Graduada no curso de Pedagogia pelo Centro Universitário Estácio de Belo Horizonte. Tem experiência com aulas para o Ensino Fundamental Anos Iniciais. Se interessa por mediação de leitura, alfabetização, Educação de Jovens e Adultos, letramento matemático e investiga os processos formativos. E-mail: rayanesguedes15@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8557-8818>.

The word that endures: women's writing experiences in scientific production.

Abstract

This work presents an account of experience that analyzes academic writing as an instrument for empowering women's trajectories in academic spaces. Through dialogue with theoretical frameworks in the field, the text reflects on the implications of writing by women researchers, based on the author's experience in writing her master's dissertation at the State University of Minas Gerais. It also discusses the concept of "*escrevivências*" (a blend of written and lived experiences) as a category that challenges and redefines women's academic productions, highlighting writing as a practice of resistance, authorship, and affirmation of female identities in the scientific field.

167

Keywords

Writing from lived experience (*escrevivências*); women's writing; academic production.

Introdução

A escrita acadêmica pode ser compreendida como um processo doloroso, frequentemente associada a um sofrimento que se acredita ser necessário enfrentar. Seja na produção dos trabalhos de conclusão de curso, nas dissertações, nas teses ou mesmo na elaboração de artigos, são recorrentes as queixas nesse sentido, as quais, muitas vezes, refletem processos de adoecimento de estudantes, professores, professoras, pesquisadores e pesquisadoras.

De fato, a chamada “corrida do Lattes” não é justa nem equânime. Sabe-se que o fazer científico é ainda mais desafiador para mulheres, pessoas negras, LGBTQIA+, pessoas com deficiência, quilombolas e indígenas, em razão das desigualdades que lhes foram historicamente impostas. Os espaços acadêmicos também não estão isentos de reproduzir opressões, pelo contrário, isso se evidencia, por exemplo, no fato de que a licença-maternidade no campo acadêmico só foi inserida pelo CNPq em 2021, (CNPQ, 2021), demonstrando que ainda há muito a ser conquistado.

As altas exigências acadêmicas, somadas aos múltiplos papéis exercidos pelas mulheres, que geram enormes jornadas de trabalho, podem se apresentar como mais uma forma de ampliação das desigualdades no acesso aos espaços científicos, bem como na participação e promoção de mulheres em cargos e setores acadêmicos.

Se, na literatura, fala-se da necessidade de “Um teto todo seu” (Virgínia Woolf, 2004) para a produção literária, a escrita feminina na academia não é diferente. Quando a produção acadêmica das mulheres se realiza, ela acontece, muitas vezes, nas duras horas da madrugada, enquanto o arroz é preparado no fogão ou mesmo acompanhando um filho doente no hospital. A escrita nunca é linear, ela é constantemente interrompida pelas urgências que se impõem sobre o ser mulher.

Contudo, há de se considerar que é nessa escrita que não se escreve apenas sobre os “objetos de pesquisa”, mas também sobre si mesma e, a partir disso, ressignifica-se. É por meio dessa escrita que se pode construir o novo e se

SCIAS Edu., Com., Tec., Belo Horizonte, v.7, n.2, p. 166-184, out./dez. 2025
e-ISSN:2674-905X

fortalecer. É, ainda, a partir da escrita coletiva, da construção dos grupos de mulheres nos espaços acadêmicos, que nos fortalecemos e contribuímos para a permanência qualitativa dessas mulheres.

Por isso, mostrou-se tão necessário este relato sobre a relevância da escrita feminina nos espaços acadêmicos e a potencialidade das *escrevivências*. Este estudo justifica-se pela necessidade de dar visibilidade às condições concretas em que mulheres produzem ciência, evidenciando os desafios, as rupturas e as potências que emergem da escrita como prática coletiva e política.

169

A necessidade deste estudo também se evidencia quando observamos como a pandemia impactou de forma desigual a produção acadêmica de mulheres. Pesquisas como a de Cândido e Campos (2020) mostram que, mesmo antes do isolamento social, as mulheres já apareciam menos na posição de primeira autoria, assinando com mais frequência textos em coautoria do que liderando manuscritos. No período compreendido entre 2016 e o início de 2020, a média de artigos submetidos por primeiras autoras mulheres era de cerca de 37%. No entanto, durante o trimestre analisado no contexto da pandemia, esse número despenca para 13%, configurando o menor índice de todo o período observado. Essa redução para menos da metade da média histórica evidencia não apenas o agravamento das desigualdades de gênero, mas também como a sobrecarga de cuidados, o acúmulo de tarefas e a precarização da vida atingem diretamente a capacidade de mulheres pesquisadoras produzirem e submeterem seus trabalhos. Assim, torna-se ainda mais urgente compreender e visibilizar as trajetórias, atravessamentos e estratégias que marcam a presença de mulheres na produção científica.

Além dos dados estatísticos sobre produtividade e autoria, vale considerar relatórios contemporâneos que evidenciam como a desigualdade de gênero na ciência persiste de forma estruturada. Conforme matéria da *Fundacentro* (2024), apesar de as mulheres representarem 51,8% das bolsas de iniciação científica, elas correspondem a apenas 15,87% das bolsas de produtividade, condição fundamental para consolidar carreira, publicar artigos e manter visibilidade acadêmica.

Isso demonstra que, embora muitas tenham o acesso inicial à pesquisa, poucas têm efetivamente oportunidade de sustentar a produção científica com o mesmo reconhecimento que colegas homens, o que reforça a urgência de investigarmos as trajetórias, barreiras e potências da escrita feminina no meio acadêmico.

Para tanto, propõe-se dialogar com as referências teóricas da área em questão para compreender de que modo o conceito de *escrevivências* dialoga com as produções acadêmicas de mulheres.

A discussão se ancora em referenciais dos estudos de gênero, do feminismo, compreendendo a escrita não apenas como instrumento técnico, mas como prática de subjetivação, resistência e afirmação de identidades. Nessa perspectiva, a produção acadêmica das mulheres é entendida como um ato político, na medida em que rompe com a noção de neutralidade científica e evidencia que todo conhecimento é produzido a partir de marcadores sociais como gênero, raça, classe e território, conforme apontam Angela Davis (2016), bell hooks (2017) e Lélia Gonzalez (2011). A escrita, portanto, constitui-se como espaço de disputa de narrativas, de visibilização de trajetórias historicamente silenciadas e de construção de epistemologias outras, nas quais as experiências das mulheres, em sua pluralidade, passam a ocupar centralidade.

Ao dialogar com o conceito de *escrevivências* (Evaristo, 2008), proposto por Conceição Evaristo, compreende-se que a escrita feminina na academia ultrapassa os limites da objetividade tradicional e passa a incorporar a vida, as memórias, os afetos, as dores e as resistências que atravessam as trajetórias das pesquisadoras. Trata-se de uma escrita que não se dissocia da existência, mas que se constitui a partir dela, ressignificando a própria forma de produzir ciência. Assim, a *escrevivência* se apresenta como potência criadora, capaz de tensionar as estruturas acadêmicas tradicionais e de afirmar a presença das mulheres como sujeitas produtoras de conhecimento.

O texto organiza-se inicialmente pela contextualização teórica acerca da escrita acadêmica, dos desafios enfrentados pelas pesquisadoras e, por fim, das reflexões acerca das implicações das *escrevivências*, como produção e também como metodologia, para as trajetórias das mulheres na academia.

Ser pesquisadora - efeitos produzidos pela trajetória na universidade

Ser mulher pesquisadora impõe-se como um grande desafio, especialmente em um contexto acadêmico ainda marcado por desigualdades estruturais, disputas de poder e múltiplas exigências que atravessam os corpos e as vidas das mulheres. A produção científica, nesse cenário, não se constrói apenas a partir de tempos institucionais, prazos e métricas de produtividade, mas nos intervalos possíveis entre o trabalho, o cuidado, a maternagem, o adoecimento, as demandas afetivas e a própria sobrevivência.

É nesse atravessamento entre vida e produção acadêmica que emerge a *escrevivência* como conceito e como prática. A escrita deixa de ser apenas um registro técnico do conhecimento para se constituir como escrita de si, atravessada por memórias, afetos, dores, lutas e pertencimentos. Ao escrever, as mulheres pesquisadoras não apenas produzem ciência, mas afirmam a própria existência, ressignificam suas trajetórias e transformam a experiência individual em narrativa coletiva.

Escrever, para muitas mulheres, nunca foi apenas um exercício técnico. Sempre foi um gesto atravessado pela vida, pelo corpo, pelo tempo fragmentado, pelas ausências e pelas resistências. Na academia, esse gesto se intensifica, pois escrever ciência sendo mulher carrega marcas históricas de silenciamento, e desigualdades produzidas pelas intersecções entre gênero, raça e classe (Davis, 2016).

Ao narrar meu percurso, não posso descolar a escrita das condições de ser mulher em uma sociedade atravessada por desigualdades de gênero. Michelle Perrot (2007) lembra que a história das mulheres é também a história de seus silenciamentos, e esse entendimento ecoa nas análises de Joan Scott (1995), que pensa gênero como categoria capaz de revelar relações de poder profundamente enraizadas. No mesmo sentido, Amanda Castro e Rita Machado (2016) reforçam como a experiência feminina segue marcada pela necessidade constante de disputar legitimidade. Ao trazer essas autoras para o diálogo, reconheço que

*SCIAS Edu., Com., Tec., Belo Horizonte, v.7, n.2, p. 166-184, out./dez. 2025
e-ISSN:2674-905X*

minha trajetória como pesquisadora se inscreve em um campo que não é neutro: ser mulher escrevendo sobre mulheres é, por si só, um gesto político.

Historicamente, a produção de saberes foi organizada a partir de uma lógica masculina, branca e burguesa, que sustentou a ideia de uma ciência neutra e universal. No entanto, os estudos feministas questionam essa neutralidade ao evidenciar que todo conhecimento é situado, atravessado pelas condições sociais, políticas e existenciais de quem pesquisa (Louro, 2003). Produzir conhecimento, nesse sentido, não é um ato dissociado da vida, mas um processo imbricado às experiências vividas.

As epistemologias feministas contribuíram para ampliar os objetos, os métodos e as formas de legitimação do conhecimento científico, valorizando narrativas, histórias de vida, autobiografias e experiências coletivas como formas legítimas de produção de saber. A pesquisa passa, assim, a ser também um espaço de encontro entre sujeitos, de reconhecimento de saberes não hegemônicos e de construção de uma ciência comprometida com a transformação social (Freire, 1996).

Ao revisitar minha própria trajetória de escrita, percebo que não existe neutralidade possível quando é o corpo que escreve, um corpo que sente, adocece, cuida e resiste. A literatura que sustenta este trabalho aponta justamente para isso: que toda produção de conhecimento é situada, como defende Freire (1996), que recusa a ideia de um sujeito concluído e imune aos processos de transformação. Na mesma direção, autoras como Perrot (2007), Rocha (2017) e Amanda Castro e Rita Machado (2016) evidenciam como as experiências de mulheres historicamente foram silenciadas na construção do saber. Ao trazer essas vozes, reconheço que minha escrita não se distancia das disputas políticas que atravessam o espaço acadêmico, ela é parte delas. Escrever, portanto, não é apenas relatar, é intervir.

Ao considerar a interseccionalidade, compreende-se que as opressões não atuam de forma isolada, mas de maneira articulada, produzindo desigualdades mais profundas para determinadas mulheres, especialmente as mulheres negras (Kimberlé Crenshaw, 2012; Angela Davis, 2016). Nesse sentido, escrever na

universidade não é a mesma experiência para todas, pois os desafios se intensificam conforme os marcadores sociais que atravessam cada trajetória.

A *escrevivência*, portanto, apresenta-se como uma resposta a essas estruturas, na medida em que transforma a escrita em prática de existência, resistência e afirmação. Como aponta bell hooks (2017), educar e produzir conhecimento podem ser práticas de liberdade quando rompem com os silenciamentos históricos. Escrever, para as mulheres, passa a ser também um modo de se inscrever na história, disputar narrativas e produzir outras formas de existência no espaço acadêmico.

É a partir dessa compreensão que este relato se constrói, ancorado na minha própria dissertação e nas experiências acumuladas enquanto mulher pesquisadora. Ao narrar a produção de uma dissertação, não relato apenas um percurso acadêmico, mas uma escrita de mim, tecida entre interrupções, reinícios, afetos, lutas e potências que atravessaram o cotidiano na universidade. Diante da escolha metodológica pelas *escrevivências*, senti que também precisava escrever a partir de mim. Assim como as participantes desta pesquisa, eu também havia militado em partidos políticos, e esse envolvimento constituía parte importante da minha própria trajetória. Ao assumir essa posição, compreendi que escrever junto, *escreviver*, me colocava em uma relação mais respeitosa com as mulheres que confiaram suas histórias ao estudo. A partilha dessa implicação não apenas aproximou nossas narrativas, como também me fez reconhecer, de maneira mais nítida, os desafios e percalços que atravessam a escrita de si, como fica evidente no trecho a seguir:

Torna-se crucial salientar, ainda, que realizar esta pesquisa me fez revisitar vários espaços e questões internas. Entre eles, destaco a minha ida a uma apresentação de candidatura da UP, espaço que não me imaginaria presente anteriormente. Nesse processo, também retomei contatos com militantes dos partidos que não via há muitos anos e participei de atividades com eles. Não é possível separar, é claro, o envolvimento pela necessidade de desenvolvimento da pesquisa e a participação pelo interesse na construção coletiva, que acredito que nunca me escapou. Porém, talvez seja possível reconhecer um movimento de reconciliação com um horizonte que nunca saiu de vista. Confesso que a minha escrita foi estruturada à mão, em caderno igual ao que entreguei às participantes, mas não foi possível colocar tudo nele e, por isso, segui escrevendo no computador. A escrita à mão me exigiu um gerenciamento de emoções e de organização mental que o momento não permitia, a escolha do

SCIAS Edu., Com., Tec., Belo Horizonte, v.7, n.2, p. 166-184, out./dez. 2025
e-ISSN:2674-905X

que colocar também foi desafiadora. O limite entre o que quero contar, o que posso contar, o que vai me expor demais ou a outras pessoas é algo que dificultou minha escrita; tal ponto também foi crucial na escrita de algumas das participantes, questão que me foi relatada por elas em conversas que tivemos. No partido, todo mundo sabia de tudo que estava acontecendo, éramos um “livro aberto” com quem chegasse. Esse processo e o fato de ter de contar muitas vezes minha história também me ensinaram que é preciso escolher. Esse limite preferi não ultrapassar e busquei com que as participantes também o respeitassem, para que, de fato, esse processo pudesse servir de fortalecimento.

Esse exercício exigiu que eu revisitasse experiências muitas vezes adormecidas, marcadas por aprendizados, frustrações e disputas políticas que também atravessaram minha formação. Ao me colocar no lugar da escrita, percebi que as mulheres que participaram deste estudo não apenas narravam fatos, mas expunham memórias sensíveis que, como as minhas, carregavam tensões, silenciamentos e resistências. Escrever, portanto, tornou-se um trabalho que exigiu cuidado, escuta e uma ética da presença.

hooks (2017) assinala que não é coerente demandar dos estudantes que se exponham, narrem suas histórias ou revelem suas vulnerabilidades se quem ensina permanece protegido, silencioso ou distante. Ao trazer suas próprias experiências para o espaço pedagógico, docentes rompem com a lógica da autoridade vertical e instauram um ambiente em que o diálogo se torna de fato possível, não uma convocação unilateral, mas um encontro em que todos os sujeitos se movem, se afetam e se implicam.

Inspirada por essa compreensão, percebi que não poderia solicitar que as mulheres participantes desta pesquisa revisitassem lembranças sensíveis, disputas políticas e episódios que marcaram suas trajetórias, se eu mesma não estivesse disposta a fazê-lo. Parafraseando hooks, não desejo que essas mulheres assumam riscos que eu não assumiria, nem que revelem aspectos de suas vidas que eu não teria coragem de compartilhar. Ao inscrever minhas vivências no corpo do texto, reconheço-me como parte do processo investigativo e recuso a posição confortável de quem observa à distância, amparada por uma suposta neutralidade. Esse gesto, para mim ético e político, desloca a imagem tradicional da pesquisadora como figura que colhe relatos sem se deixar interpelar por eles.

A *escrivência*, entendida aqui como processo formativo, ampliou ainda mais essa percepção. Narrar parte da minha trajetória não visa apenas contextualizar a pesquisa, mas reconfigurar meu próprio olhar sobre as participantes, que não são, e jamais deveriam ser, tratadas como objetos de estudo. São autoras de si, produtoras de conhecimento e coparticipantes na construção desta investigação. Nesse horizonte, a escrita deixa de ser unilateral e converte-se em um espaço compartilhado, onde pesquisadora e participantes se deslocam entre memórias, tensões, silenciamentos e significações.

Esse movimento metodológico contribui para potencializar as vozes que compõem a pesquisa e, simultaneamente, provoca quem investiga a exercitar uma autorreflexão crítica. Quando narramos o vivido, reencontramos marcas e influências que nem sempre percebemos de imediato, mas que se tornam visíveis nas escolhas discursivas, nas pausas, nos gestos de lembrar e nos limites do que conseguimos dizer. Por isso, nenhuma narrativa é linear: cada história é tecida entre memórias e esquecimentos, entre o explícito e o não pronunciado, entre o que já foi elaborado e aquilo que ainda demanda tempo. Assim, mesmo experiências próximas acabam por revelar perspectivas singulares.

Ao adotar esse modo de escrever, compreendi que revisitar minha própria trajetória não era apenas um exercício reflexivo, mas parte constitutiva da ética deste trabalho. Ao escutar as mulheres que participaram da pesquisa, suas histórias acionaram afetos, inquietações e escolhas que atravessam também a minha formação. Essa aproximação exigiu cuidado, presença e delicadeza, pois ao tocar suas narrativas, tocava também aspectos meus ainda em elaboração. Abrir-me ao texto fez com que suas vivências deixassem de ser interpretadas como dados e se tornassem encontros, encontros que me transformaram enquanto pesquisadora, mulher e sujeito político.

Ser pesquisadora, para mim, nunca significou apenas ler, analisar ou escrever. Sempre foi, sobretudo, um exercício de rememorar e elaborar experiências vividas no entremeio da vida cotidiana. Ao escrever este artigo, percebo que o processo de construção da minha dissertação já anunciava isso: era, ao mesmo tempo, cura e adoecimento. As duas dimensões coexistiam no mesmo corpo, um corpo que pensava, escrevia, cuidava de outras pessoas, buscava presença em diferentes espaços apesar das crises de dor da fibromialgia, tentava participar dos

debates mesmo depois de noites mal dormidas, tremia ao receber notícias difíceis da família.

Desenvolver o mestrado em plena pandemia de Covid-19 intensificou ainda mais esse atravessamento. Lembro-me de uma das disciplinas em que grande parte da turma relatou ter passado a noite chorando, incapaz de compreender plenamente a leitura proposta. Eu também havia chorado, mas silencieei, talvez por não querer demonstrar fragilidade diante de um cenário que já nos colocava à prova diariamente. Mais do que a dificuldade intelectual, o que doía era a impossibilidade de compartilhar de forma plena a experiência da trajetória: as angústias, as inseguranças, os medos de sermos mestrados em um tempo tão incerto.

Recordo também o sentimento ao ver meu primeiro artigo publicado. A impressão inicial era a de que eu finalmente “dava conta”. Naquele momento, escrever significava validar que aquilo que eu elaborava junto à minha orientadora encontrava lugar no mundo. Compartilhei o texto com minha mãe, percebo hoje que em cada produção, sempre há algo da força e da resistência que encontro nela. Era como se, ao publicar, eu também afirmasse a história dela, e tantas outras que atravessam minha própria escrita.

Com o tempo, contudo, percebi os limites da produção acadêmica: a dificuldade de fazer esses textos alcançarem pessoas fora da universidade, a pouca acessibilidade da linguagem, o distanciamento entre a escrita e os públicos que poderiam se beneficiar dela. Passei a compreender que outras formas de expressão como postagens em redes sociais, vídeos, conversas públicas que também podem ampliar os efeitos da escrita, aproximá-la de quem vive as realidades que pesquisamos.

Nessa reflexão, lembro-me de uma palestra do professor Luciano Mendes, em que ele destacava a importância de professoras e professores da educação básica como agentes da escrita científica, trazendo para o debate acadêmico suas experiências concretas do chão da escola. Suas palavras me tocaram profundamente, mas também me fizeram pensar na pequena abertura que esses profissionais ainda têm para participar das discussões acadêmicas. Fica a pergunta: até que ponto um modelo de produtividade baseado na disputa, na exclusividade e na

segregação permite reconhecer outros saberes e outras formas de produzir conhecimento?

Ser pesquisadora, para mim, acabou se afirmando como um gesto que não se separa da vida. Um gesto que exige corpo, memória e resistência. Que remexe nas dores e também produz respiro. Que reivindica espaço mesmo quando o corpo está cansado. Escrever, nesse sentido, é também testemunhar: testemunhar quem eu sou, de onde eu venho, quem me sustenta e quem caminha ao meu lado. É nesse entrecruzamento de afeto, exaustão, esperança e insistência que construí minha trajetória acadêmica.

A perspectiva autobiográfica presente nas *escrevivências* dialoga com o que Cavaco (2009) compreende como formação experiencial, aquela que emerge do cotidiano e das vivências, muitas vezes distantes dos espaços escolares formais. Somado a isso, as reflexões de Nilma Gomes (2018) e Shirley Miranda (2008) reforçam que nem todos os saberes que constituem sujeitos passam pela escola; muitos deles nascem das travessias, dos coletivos, dos enfrentamentos e das histórias que carregamos. Assim, escrever a partir de si é, também, recuperar pedaços de uma trajetória que se inscreve no corpo, na memória e no gesto político de narrar-se.

A escrevivência como método, linguagem e resistência

Considerar a escrita como parte de um processo formativo exige compreender que aprender não se restringe ao espaço escolar. É Gohn (2006) quem oferece a chave para essa leitura ao diferenciar educação formal, não formal e informal. Suas reflexões mostram que o conhecimento nasce também no mundo da vida, nos encontros e nas práticas coletivas. Essa compreensão dialoga intensamente com as vivências das mulheres que atravessaram este estudo e com a minha própria trajetória, em que a formação se deu em múltiplos espaços, nos coletivos feministas, nos partidos, nas trocas entre mulheres, nas dores e nos sonhos compartilhados. Como afirmam Miranda (2008) e Silveira (2019), é na experiência social que se constroem muitos dos saberes que orientam a prática,

especialmente quando se trata de mulheres cujas trajetórias foram marcadas por desigualdades, mas também por resistências.

As contribuições dos estudos feministas para a consolidação da pesquisa qualitativa também são evidenciadas por Bogdan e Biklen (1994), ao destacarem que a ampliação dos objetos de investigação permitiu a centralidade das experiências das mulheres como elemento legítimo da produção científica. A partir desse deslocamento, metodologias como a observação participante, a análise documental, as histórias de vida e as entrevistas em profundidade passaram a ocupar lugar de destaque, justamente por possibilitarem a valorização das narrativas, da subjetividade e da experiência vivida.

Esse movimento de ampliação dos temas e sujeitos de pesquisa gerou, igualmente, transformações no campo metodológico, sobretudo no que se refere às relações estabelecidas entre pesquisadoras e participantes, bem como às implicações éticas e políticas que atravessam o processo de investigação. A pesquisa deixa de ser compreendida como uma prática distanciada e neutra, passando a ser concebida como uma construção relacional, na qual os sujeitos envolvidos produzem conhecimento de forma compartilhada.

Nessa direção, Bogdan e Biklen (1994) destacam que a pesquisa qualitativa favorece a constituição de diálogos entre investigadoras e participantes, permitindo que essas pessoas tenham maior protagonismo na interpretação de suas próprias experiências. Esse processo fortalece a dimensão formativa da pesquisa e contribui para a construção de saberes ancorados na troca, na escuta e na corresponsabilidade.

Essa perspectiva metodológica aproxima-se diretamente da proposta das *escrevivências*, uma vez que ambas reconhecem a potência da narrativa, da autobiografia e da memória como estratégias legítimas de produção de conhecimento. Ao possibilitar que as vozes historicamente silenciadas sejam expressas, esses métodos favorecem processos críticos e reflexivos nos sujeitos envolvidos, conforme também indica Louro (2003). Assim, a escrita acadêmica, atravessada pelas experiências de vida, afirma-se como um espaço de resistência, de produção de sentidos e de construção identitária para as mulheres no contexto universitário.

O *escreviver*, enquanto procedimento de investigação e produção acadêmica, aproxima-se do movimento descrito por Conceição Evaristo ao refletir sobre sua escrita em *Becos da Memória*, quando aponta que a literatura atravessada pela *escrevivência* pode embaralhar as fronteiras entre a identidade da narradora e a da própria autora, sem que isso lhe cause incômodo (Evaristo, 2018). Nessa perspectiva, tal abordagem tensiona a concepção tradicional da(o) pesquisadora(o) como sujeito distanciado, imparcial e neutro em relação ao objeto de estudo, uma vez que a adoção dessa metodologia já explicita um posicionamento que extrapola o campo científico e alcança também o campo político.

Essa escolha metodológica se mostra especialmente significativa por nascer do compromisso de fortalecer vozes historicamente silenciadas. Tal fundamento se sustenta no próprio universo literário de Conceição Evaristo, cuja produção em prosa é marcada pela presença de sujeitos socialmente marginalizados, como moradores de favelas, crianças e adolescentes em situação de rua, pessoas em situação de mendicância, desempregados, mulheres em prostituição, entre outros (Oliveira, 2009). Desse modo, o *escreviver* aponta para a possibilidade de deslocamentos importantes nas ciências sociais e humanas, tanto no que se refere às bases epistemológicas da produção do conhecimento quanto às posições sociais ocupadas por quem pesquisa e por quem é tomado como sujeito da pesquisa.

No percurso desta investigação, assumiu-se o *escreviver* como um horizonte metodológico qualitativo que dialoga com a pesquisa autobiográfica, tendo na *escrevivência* sendo conceito formulado por Conceição Evaristo, sua principal via de produção e interpretação das narrativas. Tal escolha reafirmou a relevância das histórias de vida de mulheres como campo legítimo de elaboração de conhecimento, reconhecendo que memórias, afetos e experiências constituem fontes teórico-metodológicas fundamentais para compreender os modos de existir e resistir no mundo.

A *escrevivência*, inicialmente formulada no âmbito literário, emerge da escrita profundamente marcada pelo cotidiano e pelas trajetórias das mulheres negras, como demonstra Conceição Evaristo (2018) em *Becos da Memória*. Nesse romance, a autora entrelaça ficção e realidade de modo visceral, criando uma

narrativa que não apenas denuncia violências estruturais, mas também revela quem são os sujeitos atravessados por elas e como constroem sentidos para suas experiências. Ao escrever a partir de si e de suas ancestrais, Evaristo inaugura uma forma de escrita que rompe com a distância entre vida e texto, operando na fronteira entre memória, fabulação e testemunho.

Com o passar dos anos, esse conceito ultrapassou o campo literário e passou a compor debates acadêmicos, especialmente aqueles interessados em tensionar as bases epistemológicas tradicionais. Como aponta Silva (2020), a *escrevivência* tem sido apropriada por pesquisadoras que tomam o racismo e outras formas de opressão como eixos centrais de análise, produzindo deslocamentos importantes na compreensão do que se considera conhecimento válido. Essa expansão tem fortalecido práticas de escrita que reconhecem as múltiplas camadas das subjetividades femininas, sobretudo de mulheres negras e de origens populares, e tem impactado diretamente suas trajetórias na academia.

Ao situar o *escreviver* como método neste estudo, reafirma-se também a impossibilidade e a desnecessidade de neutralidade na produção do saber. As narrativas aqui mobilizadas evidenciam que escrever pesquisa implica, antes de tudo, reconhecer as marcas que constituem a vida das mulheres que investigam e das mulheres investigadas. Assim, o texto torna-se espaço de inscrição de existências, de confronto com desigualdades históricas e de afirmação de outras formas de pensar e produzir ciência.

No movimento de concluir este trabalho, percebo que o *escreviver* não funcionou apenas como estratégia metodológica, mas como experiência formativa. Ele permitiu que se reconhecesse o valor político das narrativas femininas, recolocando as vivências no centro da produção intelectual. Ao integrar experiência e reflexão, este estudo reafirma a *escrevivência* como possibilidade de reorganizar o campo investigativo, abrindo caminho para epistemologias que acolham a complexidade, a sensibilidade e a pluralidade das trajetórias das mulheres.

Assim, este capítulo final não encerra um processo, mas marca a continuidade de uma escrita que se ancora na vida e se projeta para novos encontros. A *escrevivência*, tal como compreendida aqui, se torna convite: a seguir narrando,

relembrando, resistindo e produzindo. Ao escrevermos a partir de nós, afirmamos que o conhecimento também é feito de memórias, corpos, lutas e sonhos, e que, justamente por isso, permanece vivo.

Considerações finais

Encerrar este trabalho não significa concluir o processo que ele narra. Ao contrário, percebo que a escrita mobilizada aqui continua abrindo caminhos, reorganizando memórias e produzindo sentido para vivências que, durante muito tempo, não encontravam espaço na academia. Como destacam Nilma Lino Gomes (2018) e Carmen Cavaco (2009), as experiências vividas são fontes legítimas de saber, e assumir isso é também romper com uma tradição científica marcada pela hierarquização dos conhecimentos. Do mesmo modo, Freire (1987) lembra que somos seres inacabados, e é justamente nesse inacabamento que a escrita se torna gesto de reinvenção. Assim, sigo entendendo que minhas *escrevivências* não encerram uma pesquisa: elas seguem como parte de um movimento maior, feito de mulheres que escrevem, que resistem e que insistem em ocupar o lugar de autoras de suas próprias histórias.

Não escrevi sozinha: escrevi com o corpo cansado, com o corpo doído, com a memória da pandemia, com as noites em claro, com a falta, com o medo, com o silêncio e com a coragem que, mesmo pequena, não deixou de existir. Escrevi com a mão, mas também com as mulheres que me cercam, minha mãe, minhas amigas, minhas orientadoras, as participantes da pesquisa, as autoras que me abriram caminho, e escrevi com todas aquelas que vieram antes e que ainda não puderam escrever.

O percurso desta pesquisa me mostrou que a escrita não é apenas um produto da academia, mas um campo de vida. Ao narrar minha trajetória, percebi que escrever sempre exigiu de mim um certo atravessamento: ser filha, ser estudante, ser mulher, ser pesquisadora, ser corpo que sente dor, ser corpo que insiste. A dissertação me ensinou que o conhecimento não se produz separado da vida; ao contrário, é justamente da vida que ele nasce. A *escrevivência*, nesse sentido, não foi apenas método: foi o chão onde pude pisar quando tudo parecia instável.

Ao longo deste estudo, pude compreender que a escrita feminina na universidade ainda precisa disputar espaço, reconhecimento e legitimidade. Ainda é preciso enfrentar a lógica produtivista, a linguagem que afasta em vez de aproximar, os silenciamentos impostos pela estrutura. Ao mesmo tempo, percebi que há brechas: brechas de encontro, de afeto, de resistência. Brechas em que conseguimos respirar e afirmar: “nossas experiências importam”. E é nessas frestas que a *escrevivência* se torna possibilidade de criação, de cuidado e de presença.

Da minha trajetória, carrego o aprendizado de que pesquisar também é transformar-se. O texto mudou, eu mudei com ele. Ao reconhecer minhas dores, meus limites e minhas potências, entendi que a escrita é, sim, instrumento de luta, mas também de cura. E não há contradição nisso. Produzir ciência, para nós, mulheres, é caminhar sempre entre essas duas margens.

Também sei que muito do que escrevi aqui não encerra a discussão. Há limites: não alcancei todas as vozes que gostaria, não dialoguei com todos os públicos que imaginava, não esgotei o tema. Mas talvez seja esse o sentido de escrever: deixar portas abertas para novas narrativas, novos olhares, novas experiências. A escrita, assim como a vida, não termina, ela se desloca.

Finalizo este trabalho com a certeza de que escrever é um ato político. Um ato que exige coragem para existir em espaços que nem sempre nos reconhecem. Um ato que nos permite disputar narrativas e afirmar que nossas histórias, com dor, com afeto, com resistência, também são conhecimento. Se a *escrevivência* me ensinou algo, foi que nenhuma palavra escrita a partir da vida é pequena. Todas carregam memória.

Que eu siga escrevendo.

Que outras mulheres sigam escrevendo.

Que nossas histórias, quando se encontrarem, sigam abrindo caminhos onde antes só havia silêncio.

Referências

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRITO, Maria da Conceição Evaristo de. *Becos da memória*. 3 ed. Rio de Janeiro: Pallas. 2018.

CANDIDO, Marcia Rangel; CAMPOS, Luiz Augusto. *Pandemia reduz submissões de artigos acadêmicos assinados por mulheres*, Blog DADOS, 14 mai. 2020. Disponível em: <http://dados.iesp.uerj.br/pandemia-reduz-submissoes-de-mulheres/>. Acesso em: 05 dez. 2025.

CASTRO, Amanda Motta; MACHADO, Rita de Cassia Fraga. Movimento Feminista no Brasil e América Latina: Reflexões Sobre Educação e Mulheres. *Revista Contrapontos*, Itajaí, v. 16, n. 1, p. 22-39, jan./abr. 2016.

CAVACO, Carmen. Experiência e formação experiencial: a especificidade dos adquiridos experienciais. *Revista Educação Unisinos*, São Leopoldo, v. 13, n. 3, p. 220- 227, set./dez. 2009.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO – CNPq. *CNPq anuncia inclusão do campo licença-maternidade no Currículo Lattes*. 07 abr. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/assuntos/noticias/cnpq-em-acao/cnpq-anuncia-inclusao-do-campo-licenca-maternidade-no-curriculo-lattes>. Acesso em: 5 dez. 2025.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

FUNDACENTRO. *Pesquisadoras discutem igualdade de gênero e raça na ciência*. Gov.br, 29 abr. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/fundacentro/pt-br/comunicacao/noticias/noticias/2024/abril/pesquisadoras-discutem-igualdade-de-genero-e-raca-na-ciencia>. Acesso em: 05 dez. 2025.

FREIRE, Paulo. *Política e educação* (1987). 5a ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOHN, Maria da Glória, 2006. Educação Não-Formal na pedagogia social. In: I Congresso Internacional de Pedagogia Social, 1., 2006. *Anais eletrônicos*. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br>. Acesso em: 05 dez. 2025.

GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis: RJ, Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. Disponível em: <https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/06/feminismo-afro-latino-americano.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2025.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

MIRANDA, Shirley Aparecida Miranda. Articulações do feminino em narrativas de mulheres dirigentes sindicais: saber-poder e gênero. 2008. 229f. *Tese* (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2008.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. "Escrivência" em Becos da memória, de Conceição Evaristo. *Revista Estudos Feministas* [online]. 2009, v. 17, n. 2, pp. 621-623. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2009000200019>. Acesso em: 05 de dez. 2025.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Trad. Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto. 2007.

ROCHA, Fernanda de Brito Mota. A quarta onda do movimento feminista: o fenômeno do ativismo digital. 2017. 136f. *Dissertação* (Mestrado Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, no 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99. Disponível em: <http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/SCOTTJoanGenero.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2025.

SILVA, Fernanda Felisberto da. *Escrivência como rota de escrita acadêmica*. In: Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes (org.). *Escrivência: a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020.

SILVEIRA, Isabella Batista. "Lute como uma menina": gênero e processos de formação na experiência das ocupações secundaristas. 2019. 105 f. *Dissertação* (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2019. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNIFAL_1960c08a1f8ffc73c2c5497c71463026. Acesso em: 13 de set. 2021

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.